Rua do Ouvidor, o palco das novidades

Isabel Lustosa

A História do Brasil não se escreve sem uma referência obrigatória à Rua do Ouvidor.

O Rio de Janeiro era a Capital Federal, a Presidência da República ficava no Catete, mas o coração do Brasil pulsava na Rua do Ouvidor.

Multiplicam-se às centenas as referências a ela na literatura corrente daqueles dias. Machado, Alencar, Macedo, qualquer dos nossos escritores que, no novecentos, se debruçaram sobre o urbano, descreveram a Rua do Ouvidor de alguma maneira.

Nela ficavam os jornais mais influentes, as melhores lojas de moda, as confeitarias famosas. Nas suas esquinas reuniam-se os políticos e os intelectuais do momento. Espaço de formação de opiniões e de irradiação de moda e de costumes, pode-se dizer que, no período em que durou o seu reinado, a Rua do Ouvidor produziu uma cultura própria, feita à base da irreverência e da leviandade dos boatos que corriam de boca em boca até se tornarem notícias de jornal.

O naturalista e escritor francês Victor Jacquemont, que visitou o Brasil em 1828, escreveu:

"No Rio, sustentamos com grande vantagem os nossos créditos de cabeleireiros e mestres de dança. A rua Vivienne da terra, que aqui se chama do Ouvidor, está apinhada de modistas, alfaiates e penteadores de Paris. As modistas são as hetairas do mais alto coturno. Outorga-se o Imperador a fantasia de as pagar quase todas. E assim é, que no Rio de Janeiro, graças a uma regra sumariamente falsa, pensa todo o mundo que todos os franceses são cabelereiros e todas as francesas prostitutas.[1]"

Exageros à parte, a observação mordaz de Jacquemont parece ser das mais procedentes, pois é confirmada por vários outros viajantes e pelos historiadores da cidade. A afluência das modistas e dos cabeleireiros franceses ao Rio, concentrando-se na Rua do Ouvidor, certamente está na origem do seu sucesso e progresso.

O deslumbramento brasileiro pela França, mais precisamente por Paris, é fenômeno recorrente no século XIX e até meados do nosso. Herança possível dos nossos ancestrais portugueses, pois foi com a vinda da corte de D. João VI para o Brasil, e a subseqüente abertura dos portos às nações amigas, que vieram as primeiras modistas francesas. Vieram e se estabeleceram na parte já urbanizada da cidade, o centro. Perto do rei, da rainha e dos nobres que compunham a corte.

Pode-se imaginar a transformação nos costumes que essa histórica transmigração da corte portuguesa para o Brasil, em 1808, provocou no seio da família brasileira colonial. Aos poucos impondo modos e modas européias, criou um mercado promissor para os comerciantes parisienses — Paris, já ou como sempre, capital da moda — que ousassem atravessar o Atlântico e se expor ao risco das doenças tropicais, naquele tempo tão reincidentes numa cidade em que os dejetos humanos passeavam pelas ruas no lombo dos pretos que iam despejá-los na praia.

Jean Baptiste Debret, que flagrou esse momento de transição cultural, assim o descreve:

"Após dois meses de travessia, percorrendo pela primeira vez as ruas do Rio de Janeiro, obstruídas por uma turba agitada de negros carregadores e de negras vendedoras de frutas, sentimo-nos, nós franceses, estranhamente impressionados com o fato de não haver nenhuma senhora, nem nos balcões nem nos passeios. Tivemos, entretanto, que nos resignar e esperar até o dia seguinte, dia da festa, para observar inúmeras nas igrejas. Aí as encontramos, com efeito, vestidas de um modo estranhamente rebuscado, com as cores mais alegres e brilhantes, porém obedecendo a uma moda anglo-portuguesa, muito pouco graciosa, importada pela Corte de Lisboa e na qual há oito anos nada se mudara, como que por apego demasiado respeitoso à mãe pátria. Fiz imediatamente um desenho, mas o resultado, pela sua exatidão, foi uma verdadeira caricatura inútil de reproduzir, porque não exprime em absoluto o caráter e o temperamento do brasileiro, pois o habitante do Brasil tem-se mostrado, desde então, tão entusiástico apreciador da elegância e da moda francesa que, por ocasião da minha partida, em fins de 1831, a Rua do Ouvidor (rua Vivienne, de Paris, no Rio) era quase que inteiramente constituída de lojas francesas de todo tipo, mantidas pela prosperidade de seu comércio.[2]"

Danilo Gomes, na cuidadosa história da Rua do Ouvidor que escreveu, desce a detalhes curiosos sobre a nova invasão francesa que se abateu sobre o Rio de Janeiro.

São inúmeras as *madames* — Roche, Dol, Fevre — citadas por aquele autor. Seus estabelecimentos ocupando a maior parte dos números da rua. A mais célebre: Mme. Saisset, ou Sé-sé, como a chamava o povo. Famosa tanto por sua beleza quanto por ter sido amante de D. Pedro I, de quem teria tido um filho, assumido pelo complacente Monsieur Saisset.

E a fama da rua foi-se fazendo. Corria mundo na pena dos viajantes, corria o Brasil pelos jornais, nos romances, nas cartas dos imigrantes deslumbrados.

Torna-se tão famosa que Joaquim Manuel de Macedo, o autor de *A Moreninha*, dedica-lhe um livro, em 1879 — *História da Rua do Ouvidor* —, antecipando as comemorações do centenário da rua que, segundo ele, aconteceria em 1890.

Para se ter idéia da diversidade do comércio local naquela data, basta esta conclamação que Macedo faz em seu livro para a preparação do centenário: "Preparai-vos, ó modistas, floristas, fotografistas, dentistas, quinquilharistas, confeitarias, charutarias, livrarias, perfumarias, sapatarias, rouparias, alfaiates, hotéis, espelheiros, ourivesarias, fábricas de instrumentos

---

[1] Citado por Gerson, Brasil. *História das Ruas do Rio*. Rio de Janeiro, Souza, 1954, p. 49.
[2] Citado por Gomes, Danilo. *Uma Rua Chamada Ouvidor*. Rio de Janeiro, Fundação Rio, 1980, p. 46 e 47.

Marc Ferrez/Arquivo da Cidade

A primeira sessão de cinema no Brasil ocorreu na Rua do Ouvidor, principal artéria do Rio no século XIX.

óticos, acústicos, cirúrgicos, elétricos, e as de luvas, e as de postiços, e de fundas, de indústria, comércio e artes, e as de lamparinas, luminárias, faróis, e os focos de luz e de civilização, e vulcões de idéias que são as gazetas diárias, e os armazéns de secos e molhados representantes legítimos da filosofia materialista, e a democrática,popularíssima e abençoada 'carne-seca' no princípio da rua, e no fim Notre Dame de Paris, a fada misteriosa de três entradas e saídas e com labirinto, tentações e magias no vasto seio — preparai-vos todos para a festa deslumbrante do centenário da Rua do Ouvidor![3]''.

A rua, chamada de Ouvidor, tivera outros nomes antes, adotara este como definitivo, porque nela tiveram residência os ouvidores do reino, no final do século XVIII.

Em 1897, a municipalidade resolveu homenagear Moreira César, morto em Canudos, dando seu nome àquela rua. Os jornais da época registram esta nomenclatura ao lado da tradicional, demonstrando que o nome do coronel não vingara. E, de fato, prevaleceu o nome popular: do Ouvidor.

''Via dolorosa dos maridos pobres'', no dizer de Machado de Assis, a Rua do Ouvidor atraía as mulheres para as compras com as suas vitrines coloridas e os maridos para o deslumbramento com as beldades gaulesas postadas atrás do balcão.

Enquanto as esposas compravam, os maridos bebiam o ''chopp'' honesto da Confeitaria Cailtau, mais tarde sobrepujada pela Pascoal, que durante muitos anos foi o ponto de encontro preferido da boêmia literária do final do século XIX.

Além das confeitarias, cultivava-se o hábito de freqüentar os cafés. Os mais conhecidos localizavam-se também na Rua do Ouvidor e adjacências: o Café do Rio, na esquina desta rua com a Gonçalves Dias; o Java, no Largo de São Francisco, esquina com Ouvidor; o Café Paris, o Café Papagaio (preferido por Lima Barreto); o Café Globo, na Rua Primeiro de Março, entre a Ouvidor e o Beco dos Barbeiros.

Ao lado dos prazeres do corpo, os do espírito. Ficavam também na Rua do Ouvidor as mais famosas livrarias. A Garnier, ponto de encontro de literatos, jornalistas e políticos, ali instalada desde 1846, era a preferida de Machado de Assis. A Laemmert, conhecida também pela publicação do *Almanaque Laemmert* e, no final da rua, a Francisco Alves. Tempo em que os livreiros eram também editores e as livrarias funcionavam como sucursais da Academia Brasileira de Letras.

Grandes jornais tinham ali as suas redações: o *Jornal do Commercio* (o mais antigo, fundado em 1827 pelo tipógrafo francês Pierre Blancher); o *Diário do Rio de Janeiro* (dos conservadores); *O Paiz*, fundado em 1884, com Rui, Quintino e Joaquim Serra no corpo editorial; a *Gazeta de Notícias*, de Ferreira de Araújo, que reuniu, no final do século passado, o primeiro time das letras nacionais: Olavo Bilac, João do Rio, Guimarães Passos e o próprio Machado de Assis assinaram suas colunas; o *Cidade do Rio*, de José do Patrocínio; *O Combate*, de Pardal Mallet, Luis Murat e Lopes Trovão; o *Correio da Manhã*, fundado em 1900 por Edmundo Bittencourt; dentre muitos outros. Chegou mesmo a produzir uma revista própria: a *Rua do Ouvidor*, entre 1898 e 1903. Dirigida por Serpa Júnior, a revista, segundo Brito Broca, refletia o ''espírito mundano que dominou a literatura do início do século'' como também ''a ditadura do famoso 'beco' na vida social do Rio.[4]''

Palco de novidades, onde tudo que vinha de fora fazia a sua pré-estréia antes de seguir para o resto da cidade e do país, a Rua do Ouvidor foi, como não podia deixar de ser, a porta de entrada do cinema no Brasil.

Já em julho de 1896, um ano após a invenção do cinematógrafo pelos irmãos Lumière em Paris, os jornais anunciavam a exibição do Omniographo — possível imitação da máquina inventada pelos franceses e que aqui foi recebida com grande estardalhaço pela imprensa.

Menos de um ano depois, era a vez do Cinematographo Edison anunciar-se no n. 109 da mesma Rua do Ouvidor. A *Gazeta de Notícias* registrava no dia 28 de março de 1897:

''Visitamos ontem o cinematógrafo estabelecido pelo Sr. E. Moya à Rua Moreira César,que realmente é digno de ver-se. Tem tido concorrência extraordinária. Ainda ontem foi visitado por cerca de 3.000 pessoas.[5]''

Mas foi Paschoal Segreto, jovem imigrante italiano, então com 29 anos, que inaugurou, a 31 de julho de 1897, no n. 141 da mesma rua, o mais célebre cinematógrafo do final do século no Rio de Janeiro, o Super-Lumière, instalado no Salão de Novidades Paris no Rio. Segreto, que por suas iniciativas no campo dos empreendimentos lúdico-culturais mereceu, posteriormente, o título afetuoso de ''ministro das diversões'', viu seu cinematógrafo ser totalmente destruído pelo fogo em agosto do ano seguinte. Apesar do enorme prejuízo que representou para ele a catástrofe, não arrefeceu e, a 2 de janeiro de 1899, reinaugurou, no mesmo local, o seu animatógrafo (variante do nome anterior). Trazia, então, uma novidade: fitas nacionais com cenas brasileiras filmadas por seu irmão, Afonso Segreto.

O Salão Paris, com o seu cinematógrafo, foi o primeiro cinema do Rio de Janeiro, quiçá do Brasil, porque, segundo informa Vicente de Paula Araújo, os cinemas anteriores foram ambulantes e instáveis.[6] Resistiu enquanto a Rua do Ouvidor foi a primeira das ruas do Rio. Depois, veio a Avenida Central, a grande reforma do prefeito Pereira Passos, o espírito da cidade mudou. O próprio tino empresarial de Pascoal Segreto fez surgir salas de projeção mais amplas, confortáveis e adequadas. O declínio do Salão Paris coincide com o ocaso da rua.

---

[3] Idem, p. 11.
[4] Coelho Neto, Henrique. A Capital Federal. Porto, Chardron de Lelo e Irmãos, 1924, p. 133. (Fonte sugerida por José Murilo de Carvalho, da Fundação Casa de Rui Barbosa).
[5] Citado por Paula Araújo, Vicente de. *A Bela Época do Cinema Brasileiro*. São Paulo. Perspectiva, 1976, p. 82.
[6] Todas as informações referentes aos cinemas da Rua do Ouvidor foram colhidas no livro citado acima.